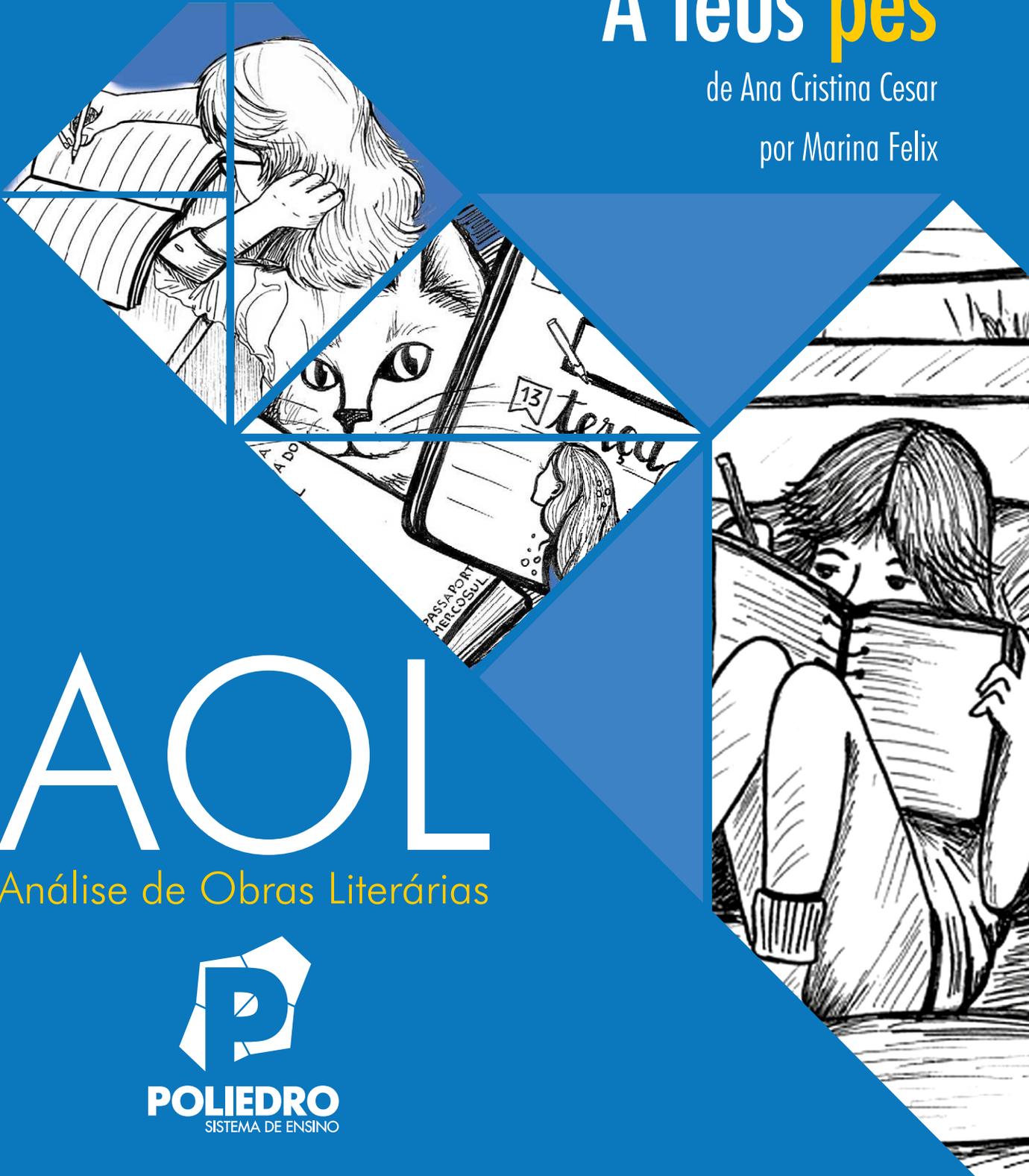


A teus pés

de Ana Cristina Cesar

por Marina Felix



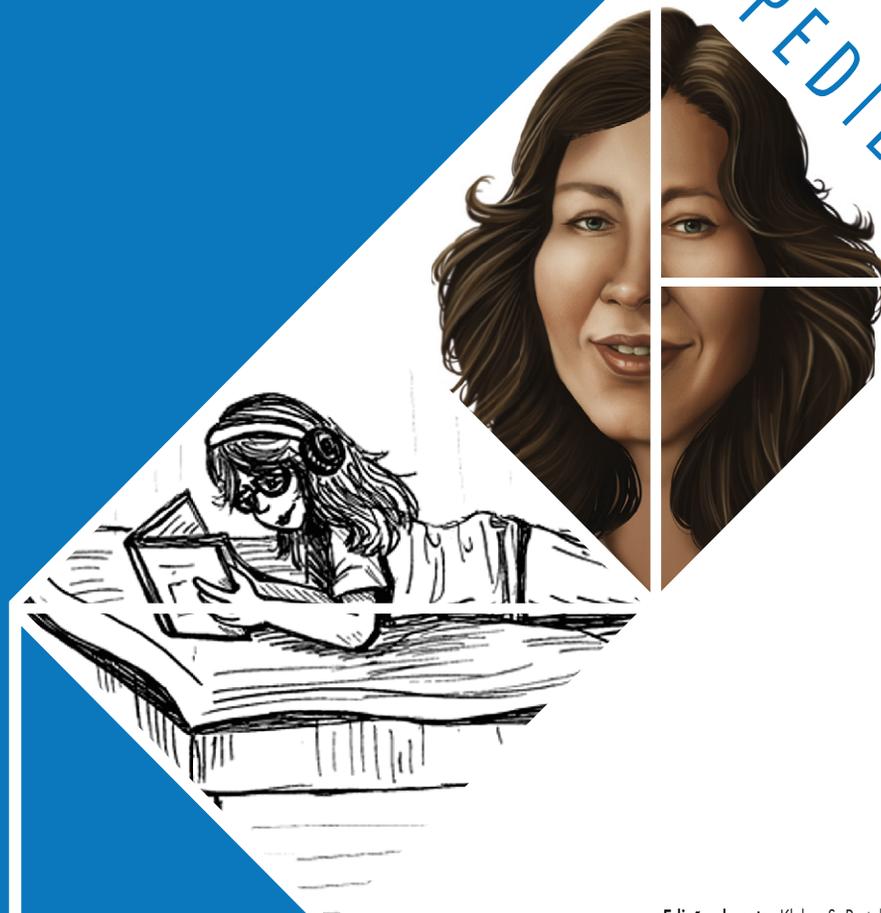
AOL

Análise de Obras Literárias



POLIEDRO
SISTEMA DE ENSINO

EXPEDIENTE



Autoria: Marina Oliveira Felix de Mello Chaves.

Direção geral: Nicolau Arbex Sarkis.

Gerência editorial: Emília Noriko Ohno.

Coordenação de projeto editorial: Marília L. dos Santos G. Ribeiro e Viviane R. Nepomuceno.

Analista de produção editorial: Brunna Mayra Vieira da Conceição.

Edição: Juliana Ribeiro Oliveira Alves.

Coordenação de edição de texto: Anaiza Castellani Selingardi.

Edição de texto: Claudio Roberto Leyria de Oliveira.

Coordenação de revisão: Mariana Castelo Queiroz.

Revisão: Carolina Albala Joffily Costa, Jéssica Anitelli e Kemi Tanisho.

Edição de arte: Kleber S. Portela e Wellington Paulo.

Diagramação: Patrícia Aparecida Monteiro.

Ilustração: Giovana Mara Pinto dos Santos.

Coordenação de licenciamento: Kelly Garcia.

Analistas de licenciamento: Equipe de licenciamento da Editora Poliedro.

Auxiliar de licenciamento: Jade Cristina Bernardino.

Coordenação de engenharia de produção: Juliano Castilho Laet de Holanda.

Analista de produção editorial: Claudia Moreno Fernandes.

Coordenação de PCP: Anderson Flávio Correia.

Analista de PCP: Vandrê Luis Soares.

Projeto gráfico e capa: Kleber S. Portela.

Colaboração externa: Edição técnica: Thalita Diniz.

Impressão e acabamento: PifferPrint.

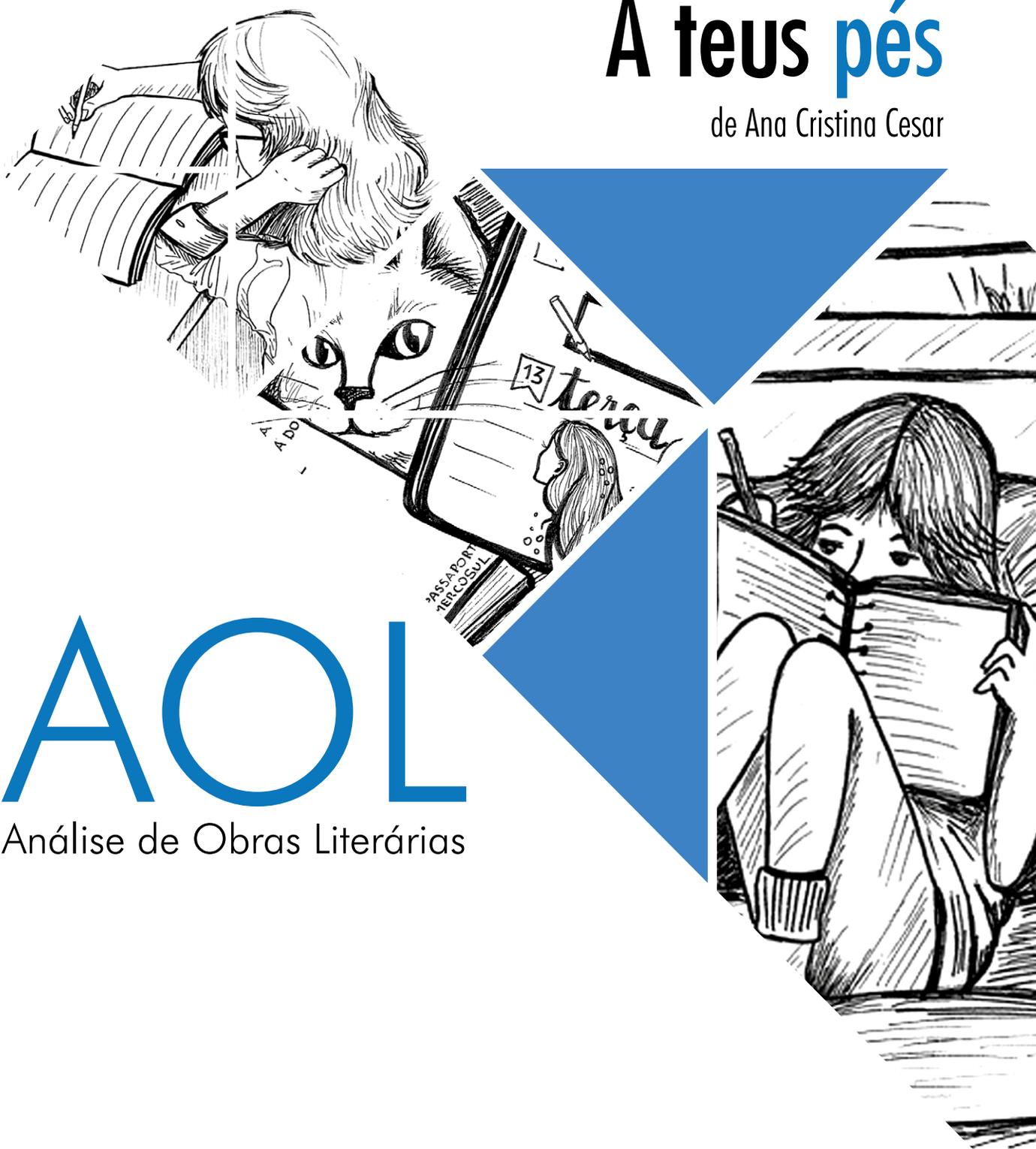


POLIEDRO
SISTEMA DE ENSINO

A Editora Poliedro pesquisou nas fontes apropriadas a existência de eventuais detentores dos direitos de todos os textos e de todas as obras de artes plásticas presentes nesta obra, sendo que, sobre alguns, nenhuma referência foi encontrada. Em caso de omissão, involuntária, de quaisquer créditos faltantes, estes serão incluídos nas futuras edições, estando, ainda, reservados os direitos referidos nos arts. 28 e 29 da lei 9.610/98.

A teus pés

de Ana Cristina Cesar



AOL

Análise de Obras Literárias

A teus pés

de Ana Cristina Cesar

Ana Cristina Cesar interage com o leitor, trocando confidências. Logo de início, sentimos uma imediata identificação através de suas diversas vozes presentes nos poemas e da maneira como compartilha suas manifestações poéticas. Antes de virar estas páginas, permita-se um novo encontro com os poemas de *A teus pés*, deixando-se participar desta interlocução sem tentar entender ou racionalizar suas palavras, apenas desfrutando o jogo de linguagem proposto por essa impactante autora.





12 Segunda

14 quarta

13 terça

INTRODUÇÃO ▾

A poesia contemporânea de Ana Cristina Cesar apresenta traços coloquiais e do cotidiano, gírias, erotismos e pequenos textos, sem, entretanto, perder a literalidade. Ana Cristina Cesar nos mostrou uma produção literária permeada de textos autobiográficos, uma autobiografia ficcional, cartas e diários.

Seus primeiros livros foram montados em casa. As capas eram feitas por ela mesma (cada uma de uma cor), e cada volume era vendido ou entregue em mãos para seus amigos e conhecidos. Ana Cristina foi expoente da chamada “geração mimeógrafo”, movimento que reuniu artistas independentes, e, posteriormente, seu nome foi integrado a um conjunto chamado “poesia marginal”, que denotava as atividades literárias produzidas à margem do circuito comercial do mercado e das grandes editoras.

Mas agora o nome da autora aparece em outro contexto. Recentemente, sua obra foi toda reunida em uma edição muito completa. O nome de Ana Cristina se realça nessa e em outras capas bonitas e notórias de grandes livrarias. Vem crescendo também o interesse acadêmico por sua obra. Em 2016, Ana Cristina Cesar foi a autora homenageada pela Festa Literária de Paraty (Flip), sendo a segunda mulher prestigiada por esse festival (a primeira foi Clarice Lispector, cujos livros foram lidos com afincio por Ana Cristina).

Mesmo tendo transcorrido mais de 30 anos após sua morte, em outro cenário político, sob diferentes contextos sociais e, sobretudo, com uma transformação (em processo) do público leitor de Ana Cristina Cesar, sua obra permanece acesa, iluminando ricos encontros poéticos. A linguagem, as ideias e a inovação estética da autora realmente merecem a celebração e o reconhecimento que lhe vêm sendo prestados.

Os trechos da obra reproduzidos nesta análise foram extraídos do livro: CESAR, Ana Cristina. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.



SOBRE A AUTORA ▼

Pequena biografia da autora

Ana Cristina teve uma vida muito curta: nasceu em 1952 e suicidou-se aos 31 anos, em outubro de 1983. Ela escrevia desde muito jovem e se relacionou com a literatura intensamente até morrer; escrevia sem parar e fazia muitas revisões de seus textos buscando incessantemente expressar e significar. Sua morte impactante e comovente nunca pôde ser explicada; alguns amigos e historiadores a relacionam com um impulso de decidir a própria hora de partir. Como diz um verso da canção “Pra não dizer que não falei das flores” (1968), de Geraldo Vandré, *“quem sabe faz a hora, não espera acontecer”*.

Segundo a crítica literária Heloisa Buarque de Hollanda, que foi amiga da autora e figura-chave para a divulgação de seus escritos, não era possível ter uma conversa com Ana Cristina que não fosse sobre literatura. Essa jovem autora vivia uma forte ansiedade, que extrapolava todas as suas formas de expressão, desde o modo como se vestia e se portava até, obviamente, o modo como escrevia. A beleza, o estilo próprio e a elegância são características próprias tanto de sua pessoa quanto de seus poemas.

Ela nasceu em Niterói, em uma família culta de classe média. Aos 17 anos, foi morar na Inglaterra, onde teve contato com grandes obras literárias inglesas, com destaque à produção de escritoras mulheres, como Katherine Mansfield, Emily Dickinson e Sylvia Plath.

Ana Cristina foi também uma importante tradutora. Aos 19 anos, ela entrou para a Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e, a partir de então, dedicou-se cada vez mais à literatura e à tradução. No âmbito acadêmico, ela fez mestrado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e, depois, desenvolveu suas pesquisas em teoria e prática da tradução literária na Universidade de Essex, na Inglaterra.

Ana Cristina teve uma morte precoce, trágica e comovente. Em 1983, com apenas 31 anos, cometeu suicídio, deixando para o amigo e poeta Armando Freitas Filho a incumbência de gerenciar seus textos e publicações póstumas.



**ANA
CRISTINA
CESAR**

A autora e seu período



Os anos vividos por Ana Cristina foram bastante intensos no Brasil e no mundo. A partir de 1950, uma série de acontecimentos transformava o país. O desenvolvimento acelerado promovido pelo governo de Juscelino Kubitschek, a abertura do mercado, a urbanização e o início da globalização começavam a formar um Brasil contemporâneo. Um fator muito importante sobre essas transformações é que elas acarretavam uma mudança real no modo de vida das pessoas. As propagandas e as ofertas de consumo alteravam características estruturais das famílias e da sociedade.

Enquanto a Europa ainda se concentrava na reconstrução pós-guerra, o Brasil seguia em crescimento econômico. Foi um período de efervescência, tanto no âmbito político quanto cultural. Cultivava-se uma crença na nossa modernização, que se projetava em uma verdadeira esperança progressista, e os artistas se alimentavam dessa euforia vinda das transformações para quebrar os paradigmas sobre a arte. Por um lado, havia uma corrente que acreditava que a arte tinha o poder e a função de tornar a sociedade mais justa, sendo de grande importância ampliar o acesso dessa cultura exaltada às grandes massas. Por outro lado, sob o ponto de vista estético, a arte começava a ser pensada como um processo, em que leitor e criador interagem, e não como um produto pronto, acabado e duradouro.

Desse cenário de transformações, surgiram movimentos importantes, que marcaram decisivamente o imaginário cultural brasileiro. Apesar da censura do regime militar e do controle imposto à imprensa e às diversas manifestações culturais, a poesia conseguia passar despercebida. A mensagem se apresentava de forma muito codificada e tão distante da censura, que o movimento da poesia foi crescendo e se ampliando, juntando-se com a música (o *rock'n'roll*) e tornando-se um novo estilo, dotado de comportamentos e significados.

A Tropicália foi um movimento de renovação estética da música e da cultura do Brasil. Caetano Veloso e Gilberto Gil tomaram a frente desse movimento, de grande repercussão, que conquistou muita força no final da década de 1960 e eclodiu entre os anos de 1967 e 1969. A guitarra elétrica foi um elemento importante desse momento; mais que incorporado à música brasileira, o instrumento se consolidou como um símbolo de modernização. Os tropicalistas se expressavam também pelo modo de se vestirem.

Um movimento chamado **Contracultura** também marcou a cultura *pop* ocidental na segunda metade da década de 1960, com uma atuação libertária, associada à cultura *underground*. Ainda nessa contracorrente, começavam a surgir comunidades *hippies*, com propostas de mudanças na sociedade como um todo.

O **Cinema Novo** fazia inovações extraordinárias no campo da sétima arte. Com “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”, orçamentos baixos, boas doses de realidade e conteúdos riquíssimos, os cineastas produziram uma nova linguagem, que representou as problemáticas sociais de forma única. Destacam-se os cineastas Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos, Leon Hirszman, Joaquim Pedro de Andrade, Ruy Guerra e Paulo Cesar Saraceni.

No campo teatral, teve destaque o Teatro de Arena, que também operou inicialmente como uma alternativa aos padrões mais sofisticados e conservadores. Participar da plateia de uma peça de teatro como as desse grupo era uma atitude política repleta de emoção. A arte performática era também uma maneira de driblar a censura, já que não deixava vestígios diretos.



O **Concretismo** foi um movimento de inovação da linguagem poética de enorme repercussão. Não seria exagero dizer que todos os poetas depois desse movimento foram influenciados por ele. O caráter visual da poesia concreta serve como exemplo e referência até mesmo à publicidade.

Podemos dizer que todos esses movimentos se apoiam no **Modernismo**. Será que podem ser classificados como de vanguarda? Os impulsos, ânimos e abalos são muito semelhantes: tanto no Modernismo quanto nos anos 1960/1970, a ordem é de ruptura, protesto, recusa e contestação. Mas é importante deixar claro que cada período possui seus traços próprios e que não ocorre simplesmente uma repetição dos movimentos. No Modernismo, a principal mudança era no âmbito da forma, além da efemeridade e sensação de fragmentação da realidade; ao passo que, na Arte Contemporânea, os artistas sentiam a necessidade de mudar o meio em que viviam, experimentando novos conceitos.

Ana Cristina fez parte de uma geração de poetas que se desenvolveram nesse contexto que acabamos de percorrer. Mais especificamente, participou da geração mimeógrafo, que, como já citamos, produzia seus próprios livros integralmente, do começo ao fim.

Observação:

A atitude da geração mimeógrafo de controlar totalmente a feitura do livro tem muito a ver com o cenário atual, em que as pessoas podem produzir a própria arte autonomamente. É muito fácil ter acesso aos instrumentos de produção (*softwares*, câmeras, materiais, informações etc.), e, com a internet e as redes sociais, os artistas podem se autopromover controlando todo o processo artístico, desde a produção até a divulgação e a venda.

Em 1976, a autora foi incluída em uma antologia organizada por Heloísa Buarque de Hollanda, chamada *26 poetas hoje*. O projeto partiu de uma aposta

corajosa da organizadora, pois reunia autores quase desconhecidos no mundo literário.

Observação:

A organizadora conta que procurou Ana Cristina pois desejava incluir uma autora mulher na coletânea. Quando se deparou pela primeira vez com seus poemas, surpreendeu-se com a qualidade da poesia que encontrava. Segundo Heloísa, sua reação foi de sedução pelo texto, levando-a a fazer as perguntas: “Quem é ela? Quem sou eu?”.

Heloísa Buarque de Hollanda batiza a poesia escrita pelos autores desse movimento de “poesia marginal”. Devido à técnica de impressão que utilizavam para a publicação independente de seus textos, bem como a linguagem coloquial dos poemas, a dificuldade de acessar grandes editoras e o tipo de público aos quais viviam, passam a percorrer um caminho à margem do mercado editorial de forma consciente e eletiva.

Foi criado um circuito cultural alternativo não só na literatura, mas também no teatro (com grupos experimentais) e no cinema. Houve uma espécie de reação em cadeia diante da crescente intervenção estatal no campo da cultura, principalmente depois de 1975.

Ana Cristina Cesar se aproxima dessa geração e é classificada como poeta marginal, também chamada de “geração mimeógrafo”. Isso aconteceu não de maneira diretamente intencional, mas em razão da técnica de publicação que utilizava para seus textos. Ana se empenhava para criar no próprio vocábulo poético uma naturalidade que lembrasse a linguagem cotidiana, porém, desde o início, apesar da convivência com outros poetas do movimento, ela apresentou uma diferenciação e sofisticação notáveis, desenvolvendo uma literatura muito mais elaborada. Enquanto seus contemporâneos se concentravam em improviso, acaso, fragmentos e recortes poéticos, Ana Cristina produzia uma literatura mais lapidada, que dialogava tanto com a tradição quanto com a cultura popular.

A PRODUÇÃO LITERÁRIA ▼

Obras da autora

- *Cenas de abril* (1979)
- *Correspondência completa* (1979)
- *Luvras de pelica* (1980)
- *A teus pés* (1982)
- *Inéditos e dispersos* (1985)
- *Poética* (2015)

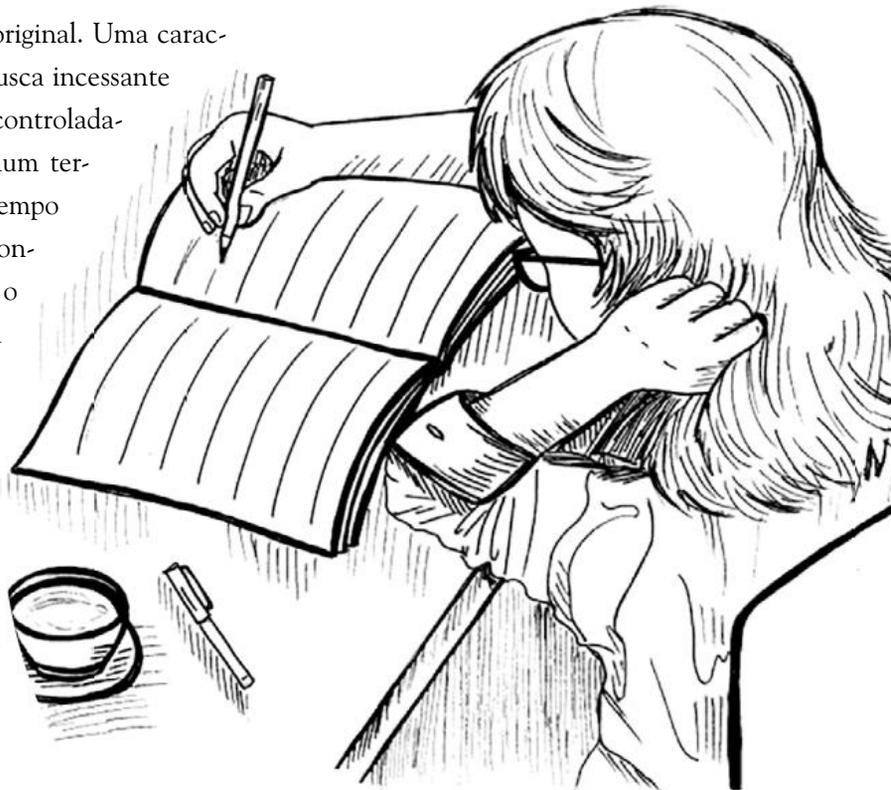
Observação:

Ana Cristina Cesar publicava seus poemas em pequenos jornais. O primeiro livro publicado que levou seu nome foi a antologia organizada por Heloísa Buarque de Hollanda, *26 poetas hoje*, de 1976. No final dos anos 1970, Ana Cristina publicou três livros de maneira artesanal: *Correspondência completa*, *Luvras de pelica* e *Cenas de abril*. Em 1982, esses livros foram integrados no seu primeiro livro exclusivo, publicado pela editora Brasiliense, em 1982, cujo título é *A teus pés*, o único que ela publicou em vida.

Atualmente, encontramos nas livrarias também o livro *Inéditos e dispersos*, que foi organizado postumamente por Armando Freitas Filho. Há poucos anos, foi encontrada uma pasta (chamada “pasta rosa”) que havia sido guardada pela mãe de Ana Cristina, com vários textos inacabados. Esses textos foram resgatados e organizados por Viviana Bosi em um volume chamado *Antigos e soltos*.

Aspectos gerais da produção literária da autora

A arte de Ana Cristina Cesar é muito original. Uma característica muito marcante de seu estilo é a busca incessante pelo momento presente, que se esvai descontroladamente. Quando lemos seus poemas, é comum termos a sensação de que a autora fala sobre o tempo e a vida enquanto as coisas ainda estão acontecendo. Parece uma tentativa de capturar o tempo presente, absorver as experiências tal qual elas vão acontecendo, sem distanciar-se delas. Essa é uma tarefa impossível; daí vem o tom melancólico de seus poemas, que traduzem as frustrações dessas tentativas e a impossibilidade de abandonar esse desejo de apreensão do tempo e das coisas. Resta um vazio entre tudo que se espera e aquilo que de fato se vivencia, gerando uma decepção contínua.



A *poesia marginal* não se enquadrava nos padrões de criação e veiculação da época, buscava se desenvolver através de formas alternativas de expressão, ia além dos estereótipos da poesia efêmera do “mimeógrafo” e, sem sombra de dúvida, definiu um novo modo de ser poeta.

Ana Cristina Cesar constrói uma interação verbal que se apresenta de diversas maneiras entre o eu poético e o leitor, como uma conversa entre dois personagens. O leitor é convocado a ter essa impressão do poema e, a partir daí, já é chamado a participar dele.

A leitura é parte fundamental do processo de feitura do texto. É como se a poeta estivesse chamando o leitor para participar da elaboração do poema e cumprir seu papel de interlocutor, produzindo o efeito de uma conversa. Dessa forma, é interessante perceber que há uma atitude de respeito perante o leitor, uma vez que o autor é tirado da posição de autoridade.

A proximidade entre leitor e autor é tamanha, que sentimos como se fôssemos amigos íntimos. É comum sentirmos que somos confidentes únicos de Ana Cristina e que seus textos são trechos de um diário aberto exclusivamente para nós. Mas paremos para analisar a obra e vejamos que isso é uma armadilha de linguagem. A intimidade é encenada e, nesse sentido, lembremos que o poeta é um fingidor (nas palavras de Fernando Pessoa). Ana Cristina foi bastante longe com essa artimanha.

Com algum distanciamento, começamos a entender melhor esses poemas e percebemos que há referências de grande qualidade à literatura anterior, tanto nacional (Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima) quanto estrangeira (Mallarmé, Baudelaire). Além da rica informação literária, há também menção a filmes, expressões populares e gírias. Percebemos, então, que em seus poemas a autora faz análises bastante irônicas, com certo tom de deboche e espontaneidade, mas sempre com muita sofisticação e elegância.

Contudo, observamos constantes interrupções no fluir do poema. As referências diretas aos fatos são intercortadas pela dificuldade da representação, revelando uma paralisante crise da própria voz de poeta. A autora procura expressar as relações entre poesia

e mundo, arte e natureza, mas encontra um descompasso, gerando um efeito de descontinuidade. Há um insistente desejo de anular as distâncias, que esbarra na impossibilidade e na conseqüente frustração, produzindo uma negatividade e um desequilíbrio que são próprios da modernidade.

A poesia de Ana Cristina nos coloca uma questão relacionada com a compreensão das mudanças de um mundo que se encontra fragmentado e inconsciente. A nova configuração de mundo solicita um novo fruir estético. Os procedimentos comuns de escrita não fazem mais sentido para o poeta que busca um novo lugar para si e para o leitor. Por isso, é preciso prestar atenção plena ao ler e reler os poemas, buscando adotar uma postura ativa na construção de sentidos. Se o poeta se indaga “quem sou eu”, o leitor deve-se fazer a mesma pergunta.

Não espere uma interpretação integral dessa obra que vamos analisar. A dificuldade de compreensão é uma realidade que se deve ao projeto experimental da arte de desconstrução do período. Não é aplicável fazer uma leitura amarrada do começo ao fim, já que a contradição e a reticência são elementos de coesão do texto, que procura escrever a vida em sua forma inconsciente. A apreensão da totalidade do mundo tornou-se uma dificuldade, e a projeção dessa problemática na forma é uma riqueza desses poemas.

Aspectos gerais da obra analisada

Como já dissemos, *A teus pés* foi publicado pela editora Brasiliense, em 1982, reunindo três livros da autora, que haviam sido publicados marginalmente.



Cenas de abril

Cenas de abril (1979) teve uma tiragem muito pequena, mas bastante sofisticada. O primeiro poema desse livro, “Recuperação da adolescência”, já é arrebatador: com uma mensagem muito forte, esse pequeno grande poema não se ancora em lugar algum. Não há pontuação, não há letras maiúsculas, apenas dois versos curtos dispostos no espaço, que anunciam uma poética livre, desprendida, potencialmente grandiosa e pronta para alçar um voo muito alto. Porém, cuidado, pois, ao embarcar nesse navio, assume-se o risco de não voltar, de se perder no universo. Em que momento devemos abandonar os ímpetus inconsequentes da adolescência? Como se desamarrar das convenções?

É um poema corajoso, em fase de amadurecimento, com uma poderosa capacidade de aproximação com o leitor. Mesmo sem racionalizar diretamente a mensagem do poema, pois a intenção não é essa, o leitor e o autor travam um contato íntimo imediato. Esse navio pode ser muitas coisas: o ato criativo, a feitura de um poema, um pensamento em velocidade, um sonho ou a própria vida – com alguma delas, o leitor há de se identificar.

Em um outro poema, a autora trabalha com a metapoesia – a poesia em sua essência, fazendo com que o leitor se identifique com o que foi lido –; o que era visto como sentimento torna-se livre e concreto como o poema que toma forma, assim como o nosso corpo humano.



O poema é como um pêndulo, que se dirige ao leitor, materializando-se; ali, o corpo se torna poema, e o poema se torna corpo.

Sabemos que Ana Cristina revisava seus poemas exaustivamente, e esse poema expressa muito sobre o fazer poético. Há uma boa dose de melancolia, dada a impossibilidade de apreender isso “que não seja corpo” e que se transforma em algo escorregadio, que se esvai, como um “filete de sangue”.

Lembremos que muitos poemas desse livro foram escritos quando a autora tinha apenas 16 anos. Mas o poema “nada, esta espuma” revela muita maturidade literária. Seu título se refere ao primeiro verso do poema “Brinde”, de Stéphane Mallarmé. Vemos, portanto, uma referência bastante sofisticada à tradição literária – poesia simbolista do século XIX – além de aludir a figuras mitológicas, como a deusa e a sereia. Essas referências se associam com a esfera do enigmático, da ambiguidade e da simbologia. É um poema indecifrável; o afrontamento do desejo é causa ou finalidade (a preposição “por” não esclarece)? A deusa aprova ou castiga o eu lírico? Os seios da sereia simbolizam a feminilidade, a inspiração/alimento poético ou o aspecto do desejo ao corpo?



O poema lança uma série de figuras literárias clássicas, mas trata centralmente do ato de escrever. A insistência na “maldade de escrever” pode se traduzir em um esgotamento inevitável que impede de viver.

É também muito expressivo o teor de erotismo que paira sobre grande parte de seus poemas. Vejamos o próximo exemplo:

27 de junho

Nossa primeira relação sexual. Estávamos sóbrios. O obscurecimento me perseguiu outra vez. [...] Perdi meu pente. [...]

Esse é um fragmento do poema intitulado “jornal íntimo” que apresenta um texto mais carregado de marcas do ego. O próprio material narrado supõe confissões, como se fossem contadas em segredo, gerando a impressão de cumplicidade.

Vejamos agora um trecho de um poema em prosa:

16 de junho

[...] Reviradíssima no beliche de solteiro. Mamãe veio cheirar e percebeu tudo. [...]



Não há versos, mas é indubitavelmente um poema. Assemelha-se a um diário ou uma anotação, não havendo elementos formais que identifiquem o texto com um poema (como rima, métrica e ritmo). Essa atitude revela liberdade e, ao mesmo tempo, densidade.

Duas questões principais são abordadas de forma muito original no poema em questão: o feminino e a religião. “Homem” se torna adjetivo quando identifica uma mulher: *estou cansada de ser homem*. Ângela é a personagem que desaprova com os olhos – não se dá ao trabalho de expressar verbalmente sua desaprovação – o comportamento alheio supostamente anticonvencional. Ângela pode ser homem ou mulher, tanto faz, pois reproduz a postura dominante de um mundo em que o gênero feminino é menosprezado pelo masculino.

A família de Ana Cristina era protestante, e percebemos uma evidente perturbação com a tradição religiosa. Há menção direta à mensagem bíblica: *Eu sou o caminho a verdade a vida*. Jesus teria pronunciado isso a seus discípulos, explicando que voltaria para a casa do Pai e que esse era o caminho para o Céu. Segundo uma possível interpretação da mensagem bíblica, quem segue Jesus segue o caminho para a vida eterna. As mensagens do divino estão colocadas ao lado de questões próprias de reles mortais:

Os peitos andam empedrados. Disfunções. Frio nos pés. Até que ponto as mensagens de Jesus e da Bíblia, que, nesse poema, parecem um pouco mais confortáveis para os meninos e para o pai, são importantes para o eu lírico? De que forma lhe trazem conforto e lhe tiram da solidão (*a woman left lonely*)?

Correspondência completa

No livro seguinte, *Correspondência completa* (1979), a poeta abreviou sua assinatura para Ana Cristina C. Apesar do título, o pequeno livro é composto de apenas uma carta. A capa ainda trazia uma informação: *2ª edição*. Ocorre que nunca existiu uma primeira edição. É, portanto, uma capa bastante mentirosa. A única correspondência da obra é assinada por Júlia e endereçada para alguém não nomeado. Há diversos personagens nessa carta, como Mary e Gil, e são todos personagens que não existem de fato.

É um livro pequeno, mas repleto de intencionalidades. A autora pretende despistar seu leitor, provocando enganos e mal-entendidos e, no final, parece se deleitar com as confusões causadas. A carta traz uma miscelânea sem ordem aparente: uma série de confissões (*Depois que desliguei o telefone me arrependi de ter ligado, pois a emoção esfriou com a voz real*), relatos íntimos (*Penso pouco no Thomas. Passou o frio dos primeiros dias*), respostas a uma carta anterior imaginada (*Meu pescoço está melhor, obrigada*), perguntas para o interlocutor, à espera de novas respostas (*Não consigo dizer não. Você consegue? E a somatização, melhorou?*) e reflexões (*Você não acha que a distância e a correspondência alimentam uma aura?*).

Em meio ao jogo de despistar o leitor, há trechos com forte carga poética. Observe:

Passei a tarde toda na gráfica. O coronel implicou outra vez com as ideias mirabolantes da programação. Mas isso é que é bom. Escrever é a parte que chateia, fico com dor nas costas e remorso de vampiro. Vou fazer um curso secreto de artes gráficas. Inventar o livro antes do texto. Inventar o texto para caber no livro. O livro é anterior. O prazer é anterior, boboca.

O trecho revela aspectos interessantes da escrita de Ana Cristina. Quando ela diz que o livro vem antes do texto, ela está assumindo que nada do que está escrito tem importância. Fazer o livro é a brincadeira divertida, e o texto, então, torna-se mero pretexto. Contudo, logo depois, ela introduz uma epígrafe, já no meio do livro, que traz um texto repleto de imagens, referências e muita carga poética.

Por mais que façamos muitas releituras desse texto, temos a sensação de que sempre estamos percorrendo o livro pela primeira vez. Há uma mistura de perturbação com atração que nos faz continuar a leitura, e, ao final, percebemos uma curiosa impossibilidade de nos apossarmos dessa poesia.



Luvas de pelica

O terceiro livro, *Luvas de pelica* (1980), foi escrito na Inglaterra e também assinado pelo nome abreviado Ana Cristina C. Pelo título, já podemos perceber uma impossibilidade de toque, por mais que se tente aproximar.

*Não pega mais o meu corpo; não pega mais o seu corpo.
Não pega.*

Existe uma barreira absoluta: luvas feitas de pelica, ou seja, uma camada extra de pele de origem animal. A mão que escreve esses poemas está encoberta, escondida atrás de uma aparente elegância? Fica cada vez mais evidente que a intimidade é somente uma ilusão. As revelações são apenas aparentes; as confissões e subjetividades servem para desenvolver experiências poéticas.

O trecho a seguir demonstra o procedimento de redimensionamento do sujeito:

Blissful Sunday afternoon enroscada na cama. Quatro cobertores de verão ouvindo Top Forties no rádio da cabeceira. Sobrou um pouco de enjoo do curry do almoço. Passando loção de vaselina. Prestando atenção sem querer na porta do banheiro que bate será que ele sobe pra me ver. Lendo Class meu olho pensa em figuras complicadas, descaradas, excitadas, milhares de minúcias subindo colunatas ou atendendo as núpcias das três noivas art nouveau ofélia salomé esfinge escalando Édipo entre rochedos. Meu olho pensa mas esquecerei depressa blissful Sunday afternoon às vezes chove uma pancada e para.



Nesse poema, a ação é muito reduzida. O uso repetido de gerúndios – “ouvindo”, “passando”, “prestando atenção” e “lendo” – acaba disfarçando a presença da primeira pessoa. O “eu” não aparece à toa, e todo o cenário é construído com detalhes, embora nesse espaço não ocorra qualquer ação significativa. O leitor, assim, é afastado, como se fosse forçado pelo texto a se distanciar, por mais que tente aderir ao poema. Fazemos a leitura de uma espécie de diário, porém encontramos um conteúdo muito mais literário que íntimo, o qual, muitas vezes, gera mais estranheza do que cumplicidade.

Adiante, no epílogo (que aparece novamente do meio para o final do texto), o lugar do sujeito é novamente questionado:

epílogo

[...]

A primeira coisa que encontramos na mala, por cima de tudo, é – adivinhem – um par de luvas.

Ei-las.

Pelica.

Coisa fina.

Visto as luvas – [...]

Isso me lembra...

Um jovem artista perdido na elegante Berlim da Belle Époque, sozinho, em vão procurando prazer.

É interessante perceber que, nesse momento, a poeta fala assumidamente sobre seu próprio jogo; ela diz: *não há nenhum truque, nenhum alçapão escondido, nem jogos de luz enganadores*, como se tivesse sido flagrada depois de tanto enganar o leitor e, agora, estivesse tentando despistá-lo mais uma vez. Como os mágicos fazem: reconhecem que nós, espectadores do show, sabemos que eles utilizam truques e artimanhas. Mesmo desconfiados e atentos, procurando desvendar seus mistérios, somos atraídos pelos números e seduzidos por uma aguda curiosidade de saber qual será a próxima mágica. E, assim, deixamo-nos enganar novamente.

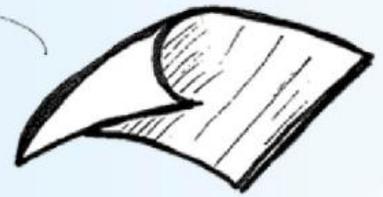
A poeta fala de um momento instantâneo; podemos imaginar toda a cena como se fizessemos parte de sua plateia. Subitamente, enquanto veste as luvas que acabara de encontrar, lembra-se de uma “história fantástica”, da qual conta apenas uma parte, o suficiente para nos deixar muito intrigados e ávidos por escutar mais. Há uma história dentro da outra, como um coelho dentro da cartola. E, depois dessa provocação, ela continua a vestir as luvas. Não; na verdade, ela continua a escrever sobre uma personagem que estaria vestindo luvas naquele mesmo momento em que estamos lendo. É impossível escapar aos seus truques.

A teus pés

O livro *A teus pés* (1982) foi editado pela Brasileira e reúne os três livros anteriores. No prefácio da edição completa *Poética*, da Companhia das Letras, Armando Freitas Filho faz uma rica descrição:

Ana Cristina Cesar, por extenso novamente, na sua estreia em editora, voltou como autora assumida à sua assinatura oficial, sem dissimulações a la F for Fake, filme de Orson Welles que adorava. Eliminou a abreviatura, tirou a máscara dos óculos escuros, recuperando sua identidade como poeta sem disfarces, e publicou A teus pés, em 1982. O volume se inicia com uma coletânea inédita que dá título ao livro e reúne os anteriores revistos. O aspecto “caseiro” das edições independentes é suprimido: a “Equipe do coração” no colofão de Cenas de abril e a “2ª edição” de Correspondência completa desaparecem. No primeiro caso, fica a ficha técnica pura e simples, sem “coração”, e no segundo, some o registro bibliográfico falso da edição princeps, que poderia continuar por ser verdadeira, então. Há ainda um índice onomástico dos autores abduzidos por ela, sem nenhuma consideração: era uma pista, mais do que uma confissão ou dedicatórias. Quem os localizasse no tecido do texto, muito bem, quem passasse batido poderia ler sem essa chave ou senha, com o mesmo proveito.

FILHO, Armando Freitas. “Prefácio”. In: CESAR, Ana Cristina. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.



No segundo poema de *A teus pés*, da edição da Companhia das Letras, Ana Cristina Cesar apresenta um caráter nitidamente autobiográfico levantado no segundo verso, fazendo menção a elementos cotidianos como insetos, campos, cigarras.

Minhas saudades ensurdecidas por cigarras!

O primeiro verso, *o tempo fecha*, é ambíguo, pois pode ser uma menção ao tempo real, mas pode, também, ser uma correlação ao estado psicológico do eu poético. No enunciado final *agora sou profissional*, o eu poético pode estar se referindo à maneira de ver a si próprio, ou seja, mais adulto, sem julgamentos, ou, ainda, à maneira como é visto pelos outros. A entonação dos últimos versos nos sugere a um tom de “chacota”, levando-nos a conceber que não há nenhuma opinião que fosse importante.

O próximo poema aborda a necessidade de análise pelo viés da pseudoautobiografia, pois se trata de uma “falsa” biografia “de si”.

o homem público nº 1 (antologia)

Tarde aprendi

bom mesmo

[...]

Não há razão

Ana Cristina Cesar escrevera poemas em forma de diários, cartas, muitas vezes em formatos autobiográficos. A autora simulava, inventava, jogava com o leitor, buscando o tempo todo afirmar o texto como linguagem criadora, em uma escrita que pode ser definida como lírica e poética.



QUESTÕES

1. A obra de Ana Cristina Cesar pode ser lida em sintonia com conceitos críticos bastante atuais, como hibridismo, diáspora e transnacionalidade. Destaque no texto a seguir os elementos que reforçam essa afirmação.

News at Ten. Vejo o papa no Rio de Janeiro. Brazil today. Frenesi, corcovado, fogos de artifício. Olho hipnotizada esse cartão-postal. E do Luke não posso, não posso ter saudade, apago e vejo o céu da porta, tomo lager mas não sei se é com ele.

CESAR, Ana Cristina. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 66.

2. Leia o texto a seguir e explique como a poesia de Ana Cristina se apoia nas vanguardas modernistas.

*ela quis
queria me matar
quererá ainda, querida?*

CESAR, Ana Cristina. “Ela quis”. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

3. O gato é um elemento constante na poesia de Ana Cristina, que aparece em diversos e repetidos momentos de sua obra. Explique o que pode significar esse símbolo no texto.

21 de fevereiro

Não quero mais a fúria da verdade. Entro na sapataria popular. Chove por detrás. Gatos amarelos circulando no fundo. Abomino Baudelaire querido, mas procuro na vitrina um modelo brutal. Fica boazinha, dor; sábia como deve ser, não tão generosa, não. Recebe o afeto que se encerra no meu peito. Me calço decidida onde os gatos fazem que me amam, juvenis, reais. Antes eu era 36, gata borralheira, pé ante pé, pequeno polegar, pagar na caixa, receber na frente. Minha dor. Me dá a mão. Vem por aqui, longe deles. Escuta querida, escuta. A marcha desta noite.

Se debruça sobre os anos neste pulso. Belo belo. Tenho tudo que fere. As alemãs marchando que nem homem. As cenas mais belas do romance o autor não soube comentar. Não me deixa agora, fera.

CESAR, Ana Cristina. “21 de fevereiro”. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

4. O poema a seguir pode ser dividido em duas partes. Comente como é feita a evidente interrupção.

primeira lição

Os gêneros de poesia são: lírico, satírico, didático, épico, ligeiro.

O gênero lírico compreende o lirismo.

Lirismo é a tradução de um sentimento subjetivo, sincero e pessoal.

É a linguagem do coração, do amor.

O lirismo é assim denominado porque em outros tempos os versos sentimentais eram declamados ao som da lira.

O lirismo pode ser:

a) Elegíaco, quando trata de assuntos tristes, quase sempre a morte.

b) Bucólico, quando versa sobre assuntos campestres.

c) Erótico, quando versa sobre o amor.

O lirismo elegíaco compreende a elegia, a nênia, a endecha, o epitáfio e o epicédio.

Elegia é uma poesia que trata de assuntos tristes.

Nênia é uma poesia em homenagem a uma pessoa morta.

Era declamada junto à fogueira onde o cadáver era incinerado.

Endecha é uma poesia que revela as dores do coração.

Epitáfio é um pequeno verso gravado em pedras tumulares.

Epicédio é uma poesia onde o poeta relata a vida de uma pessoa morta.

CESAR, Ana Cristina. “Primeira lição”. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

5. Leia o texto e responda: de que forma a linguagem abaixo está em trânsito entre poema e leitor?

18 de fevereiro

Me exercitei muito em escritos burocráticos, cartas de recomendação, anteprojetos, consultas. O irremovível trabalho da redação técnica. Somente a dicção nobre poderia a tais alturas consolar-me. Mas não o ritmo seco dos diários que me exigem!

CESAR, Ana Cristina. "18 de fevereiro". *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

6. Compare os dois poemas a seguir e assinale a alternativa que explica como Ana Cristina se apropria dos gêneros musicais para compor sua poesia.

este livro

Meu filho. Não é automatismo. Juro. É jazz do coração. É prosa que dá prêmio. Um tea for two total, tilintar de verdade que você seduz, charmeur volante, pela pista, a toda. Enfie a

carapuça.

E cante.

Puro açúcar branco e blue.

CESAR, Ana Cristina. "Este livro". *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

samba-canção

*Tantos poemas que perdi.
Tantos que ouvi, de graça,
pelo telefone – táí,
eu fiz tudo pra você gostar,
fui mulher vulgar,
meia-bruxa, meia-fera,
risinho modernista
arranhado na garganta,
malandra, bicha,
bem viada, vândala,
talvez maquiavélica,*

*e um dia emburrei-me,
vali-me de medidas
(era uma estratégia),
fiz comércio, avara,
embora um pouco burra,
porque inteligente me punha
logo rubra, ou ao contrário, cara
pálida que desconhece
o próprio cor-de-rosa,
e tantas fiz, talvez
querendo a glória, a outra
cena à luz de spots,
talvez apenas teu carinho,
mas tantas, tantas fiz...*

CESAR, Ana Cristina. "Samba-canção". *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

- A O ritmo dos poemas é produzido em função dos gêneros musicais: jazz no primeiro poema e samba no segundo.
- B A autora faz referência ao jazz e ao samba, trazendo a seus poemas elementos a que se remetem à cultura popular.
- C A autora promove uma inversão de valores ao utilizar elementos musicais populares em poemas compostos sob formas clássicas e eruditas.
- D A autora lamenta que a poesia não seja tão aclamada quanto o jazz e o samba.
- E Os poemas prestam uma homenagem aos gêneros musicais clássicos e incorporam ao poema elementos eruditos desse universo.

7.

Conversa de senhoras

*Ela é esquisita
Também você mente demais
Ele está me patrulhando
Para quem você vendeu seu tempo?
Não sei dizer: fiquei com o gauche
Não tem a menor lógica*

CESAR, Ana Cristina. "Conversa de senhoras". *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Com licença poética

*Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.*

*Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.*

*Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.*

*Não sou tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.*

Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.

Inauguro linhagens, fundo reinos

-- dor não é amargura.

Minha tristeza não tem pedigree,

já a minha vontade de alegria,

sua raiz vai ao meu mil avô.

Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.

Mulher é desdobrável. Eu sou.

Adélia Prado. "Com licença poética". *Bagagem*.
Rio de Janeiro: Record, 2003. © by Adélia Prado

Ambos os poemas fazem referência ao famoso verso de Drummond presente no *Poema de sete faces*, *Vai, Carlos! ser gauche na vida*. O termo "gauche", do francês, significa "esquerda", mas também pode ser entendido como estranho, deslocado, desajeitado.

De acordo com os poemas destacados, podemos afirmar que o conceito é trabalhado a partir da

- A) recusa de qualquer tipo de identificação com a obra poética de Carlos Drummond de Andrade.
- B) demonstração da intenção de desconstruir padrões, revisar conceitos e refletir sobre novas linguagens poéticas.
- C) reafirmação das vanguardas modernistas, especialmente o Futurismo e o Cubismo.
- D) demonstração da intenção política de denunciar a ditadura, a favor das ideias esquerdistas.
- E) homenagem ao poeta Carlos Drummond de Andrade, trabalhando o conceito de forma bastante didática.

8. O poema abaixo contém marcas do tempo da ditadura militar. Assinale a alternativa que apresente como essas marcas aparecem.

Sou linda; gostosa; quando no cinema você roça o ombro em mim aquece, escorre, já não sei mais quem desejo, que me assa viva, comendo coalhada ou atenta ao buço deles, que ternura inspira aquele gordo aqui, aquele outro ali, no cinema é escuro e a tela não importa, só o lado, o quente lateral, o mínimo pavio. A portadora deste sabe onde me encontro até de olhos fechados; falo pouco; encontre; esquina de Concentração com Difusão, lado esquerdo de quem vem, jornal na mão, discreta.

CESAR, Ana Cristina. "Anônimo". *Poética*.
São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

- A) *Sou linda; gostosa; quando no cinema você roça o ombro em mim aquece, escorre*
- B) *já não sei mais quem desejo, que me assa viva, comendo coalhada ou atenta ao buço deles*
- C) *que ternura inspira aquele gordo aqui, aquele outro ali, no cinema é escuro e a tela não importa*
- D) *A portadora deste sabe onde me encontro até de olhos fechados;*
- E) *falo pouco; encontre; esquina de Concentração com Difusão, lado esquerdo de quem vem, jornal na mão, discreta.*

9. Um dos recursos deste poema é a incompletude dos enunciados. É possível dizer que o interlocutor tenha um papel ativo na feitura do poema?

conversa de senhoras

Não precisa nem casar

Tiro dele tudo o que preciso

Não saio mais daqui

Duvido muito

Esse assunto de mulher já terminou

O gato comeu e regalou-se

Ele dança que nem um realejo

Escritor não existe mais

Mas também não precisava virar deus
 Tem alguém na casa
 Você acha que ele aguenta?
 Sr. ternura está batendo
 Eu não estava nem aí
 Conchavando: eu faço a tréplica
 Armadilha: louca pra saber
 Ela é esquisita
 Também você mente demais
 Ele está me patrulhando
 Para quem você vendeu seu tempo?
 Não sei dizer: fiquei com o gauche
 Não tem a menor lógica
 Mas e o trampo?
 Ele está bonzinho
 Acho que é mentira
 Não começa

CESAR, Ana Cristina. "Conversa de senhoras". *Poética*.
 São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

- A Sim, o leitor sente que está escutando parte de uma conversa alheia e precisa completar os sentidos.
- B Não, o poema faz apenas a transcrição literal de uma conversa entre duas senhoras.
- C Sim, espera-se que o leitor adentre o universo feminino e compreenda as questões feministas.
- D Não, o leitor apenas pode contemplar os versos criados de forma clássica e refletir sobre as questões colocadas.
- E Sim, o leitor é convocado a decifrar as mensagens ocultas que traziam fortes críticas às políticas sociais.

10. Assinale a alternativa que explica como a infração da "regra de ouro" pode se referir a uma inovação estética no poema a seguir.

mocidade independente

Pela primeira vez infringi a regra de ouro e voei pra cima sem medir mais as consequências. Por que recusamos ser proféticas? E que dialeto é esse para a pequena audiência de serão? Voei pra cima: é agora, coração, no carro em fogo pelos ares, sem uma graça atravessando o estado de São Paulo, de madrugada, por você, e furiosa: é agora, nesta contramão.

CESAR, Ana Cristina. "Mocidade independente".
Poética. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

- A Trata-se do uso constante de expressões coloquiais, que resgatam elementos da tradição oral.
- B Trata-se do modo como é feita a crítica social, a partir do uso repetido de interrogações.
- C Trata-se de um poema cubista que tem a função de contestar os padrões artísticos e quebrar tradições.
- D Trata-se de um poema em prosa, sem verso e sem rima, que resgata recursos das vanguardas, como o Cubismo e o Futurismo.
- E Trata-se de um poema futurista que expressa os novos traços da Modernidade.

GABARITO

1. O conceito de transnacionalidade se reforça pelo uso das línguas inglesa e portuguesa, mescladas no texto. A ideia expressa no texto evolui ora em uma, ora em outra língua, sem que haja uma interrupção no texto, mostrando um pensamento que se desenvolve a partir de ambas as línguas. O conceito da diáspora fica evidente quando percebemos o aspecto espacial do texto. O eu lírico fala do Brasil

a partir de outro lugar (recebe um cartão-postal). Sabemos que o Brasil é sua terra natal, porém a opção é por dizer "Brazil", como se estivesse reproduzindo o noticiário que se passa em um país estrangeiro. O conceito do hibridismo aparece quando notamos a mistura dos vocabulários da língua portuguesa e da inglesa.

2. O jogo de palavras desse poema produz um efeito trágico e cômico. Tudo é construído a partir das diferentes conjugações do verbo querer, aplicadas à ideia de “querer me matar”. A disposição dos verbos demonstra a ambiguidade das palavras e das expressões, que podem nos enganar nas sutilezas. É impossível compreender absolutamente o tom do poema – será irônico ou ameaçador? O verso livre, os procedimentos disjuntivos, o criativo jogo gramatical e o uso simultâneo do tempo verbal, que foram trabalhados com profundidade pelos modernistas, são fundamentais para a criação de sentido desse poema.
3. O gato aparece no texto em quatro momentos: primeiro, “gatos amarelos circulando no fundo”; depois, “os gatos fazem que me amam”; em seguida, “gata borracheira”; e, por último, em uma forma questionável, “não me deixa agora, fera”. O felino pode ser entendido como agilidade, movimento livre e não capturável, algo que escapa, um ser arisco. Também pode ser entendido como um ser fingidor, tal qual o poeta, que oscila entre o afeto e a dor. Um belo que fere (em alusão ao poema de Manuel Bandeira – “Belo belo/tenho tudo quanto quero”), uma tradição que se modifica. O extraordinário procedimento de Ana Cristina é apresentar o processo de elaboração de algo poético novo enquanto ainda enfrenta a busca.
4. Ao mesmo tempo que o poema imita um manual de retórica destinado a definir os tipos de poesia da forma mais didática possível, a leitura é direcionada para contrastar a seca conceituação com o dilema da forma. A escolha do gênero não deve ser exterior à necessidade expressiva do poeta; é o que se pretende dizer. A intenção é de gerar uma estupefação no leitor a partir de uma leitura aparentemente o mais seca possível.
5. A poeta coloca uma questão diferente do esperado. Normalmente, espera-se que os escritos burocráticos (como um texto acadêmico, uma tradução ou análise literária) sejam mais “secos” que os diários; porém, ela diz o contrário: a “dicção nobre” é o que lhe consola, enquanto escrever diários é dado como uma exigência, uma obrigação. Quem faz essas exigências? Quem seria leitor de diário, senão ela mesma? Ao fazer poemas fingindo que são diários, ela cria um interlocutor que se mistura a ela, mas sem nunca conseguir captá-la, dada a impossibilidade de compreensão e apreensão de seus versos. Uma impossibilidade criada intencionalmente, a partir de inúmeros truques para nos despistar, como mostra a contradição expressa no texto. É uma leitura com exigências; não é fácil adentrar os versos e a linguagem de Ana Cristina. O leitor não pode enfrentar as exigências do poema com ideias preconcebidas e globalizantes.
6. B
7. B
Ana Cristina César e Adélia Prado dialogam com o poeta Carlos Drummond de Andrade, procurando reforçar sua ideia de “*gauche*” e desenvolver a expressão, ampliando seu sentido e vertendo novas imagens a partir daquela imagem literária. De certa forma, essas autoras celebram o poema de Drummond, pois filiam-se plenamente ao sentido de marginalidade e deslocamento presentes no termo “*gauche*”.
8. E
9. A
10. D

AOL

Análise de Obras Literárias

O estudo das obras promove a compreensão e o aprofundamento do texto, revela as intenções de cada autor e elucida as características da escola literária da qual a obra faz parte. Ler é condição fundamental para compreender o mundo, os seres, os fenômenos e os acontecimentos. Entender e desvendar uma obra é compreender o prazer da leitura e da busca de novos saberes. É encontrar a beleza da essência de cada autor.



POLIEDRO
SISTEMA DE ENSINO

sistemapoliedro.com.br

São José dos Campos-SP
Telefone: 12 3924-1616
editora@sistemapoliedro.com.br



2 0034 11 000230